

## **A Voz do Corpo Cabra: performatividade e aparecimento a partir de vidas precárias<sup>1</sup>**

João Heuler Agostinho de SÁ<sup>2</sup>

Alexandre Nunes de SOUSA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

### **RESUMO**

Este trabalho objetiva analisar o espetáculo Cabras (2022), do grupo Ninho de Teatro, com base na divulgação da peça teatral, a partir da ferramenta YouTube, resultando em um estudo de como a peça aborda a questão da voz em corpos precários. Faz-se uma análise crítico-comparativa de quem é o corpo-cabra no espetáculo, observando se esse pode ou não produzir voz. Por fim, este estudo fomenta o campo de investigação acerca de como corpos precários podem buscar seus espaços para serem produtores de seu aparecimento público.

**PALAVRAS-CHAVE:** Performatividade; Voz; Corpo; Cabra; Corpos em aliança.

O grupo Ninho de Teatro foi criado na cidade do Crato-CE, ano de 2008 e vem produzindo espetáculos que levantam questões relevantes para a sociedade caririense. Neste trabalho, analisamos a peça teatral Cabras lançada em 2022. Nossa análise trata da forma como essa obra foi apresentada. O contato com o espetáculo foi através da sua publicação no site YouTube, o que reforça a importância não só de encenar, mas também de torná-lo acessível à comunidade durante a pandemia de COVID 19.

Reforço que a análise produzida nesse estudo é baseada no vídeo postado naquele site, o canal do grupo Ninho de Teatro, cedido pelos organizadores do grupo, de modo que a partir de nossas observações, discutimos algumas das questões apresentadas na peça. Ressalto ainda que o uso das diversas mídias foi adotado a partir do período pandêmico, configurando-se como uma estratégia utilizada pelo grupo Ninho para continuar com suas atividades. Tendo gravado os espetáculos e os reproduzido,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Graduando em Filosofia do IISCA - UFCA, email: [heuler.sa@aluno.ufca.edu.br](mailto:heuler.sa@aluno.ufca.edu.br)

<sup>3</sup> Doutor em Cultura e Sociedade - UFBA, Professor Adjunto de Jornalismo IISCA - UFCA, email: [alexandre.nunes@ufca.edu.br](mailto:alexandre.nunes@ufca.edu.br)

mostrou-se a importância das mídias e tecnologias para tornar o espetáculo acessível durante o ano de 2022.

O espetáculo *Cabras* (2022) se fundamenta em uma forma de fazer teatro intitulada de autobiográfico (LEITE, 2017), em que estrutura-se a cena a partir da vida dos atores que são homens negros. No processo de construção e encenação do espetáculo, os performers expõem as suas questões de vida para o público (LEITE, 2017). Essa forma de fazer teatro pode gerar uma maior conexão para com aqueles que o assistem, por esse motivo, configurando-se como uma ferramenta de teatro autobiográfico, que tem sido fortemente usada pelo teatro brasileiro nos últimos anos.

Nossa análise parte do pressuposto de que o espetáculo *Cabras* (2022) busca problematizar o que é o ideal de masculinidade, como tal ideal está presente nas diversas possibilidades do que se denomina de homens e como a construção do que é o homem exclui várias possibilidades de ser do sujeito.

Esse enunciado do que é ser homem não chega a ser exposto no espetáculo, pois como o título infere, eles são cabras, como denomina Cortez (2008) em sua dissertação de mestrado. Para a pesquisadora, referências como cabras, caboclos, negros e mulatos eram representativas de indivíduos que não eram considerados humanos dentro uma lógica colonial. Como esses indivíduos não eram considerados humanos, não mereciam ser chamados como tais, então criam-se categorias específicas, configurando-se como uma forma de não tratá-los como sujeitos (CORTEZ, 2008). Esse processo só corrobora com o sistema de exploração que passaram as populações não-brancas durante o processo de colonização, que esteve muito fortemente ligados a um trabalho escravo e que nos dias de hoje atinge fortemente os descendentes destas populações.

Pensar no corpo-cabra remete a categorias que não permitam que ele seja considerado humano. Já quando pensamos na voz, essa é uma categoria que sempre foi associada ao humano, com um recorte específico para a figura do masculino (CAVARERO, 2011). Logo, o cabra, não é considerado humano pelo poder, pois sua voz por vezes é desprovida de inteligibilidade, suas demandas são negligenciadas como inexistentes ou incompreensíveis.

No livro “Vozes plurais: filosofia da expressão vocal”, Cavarero (2011) enuncia que a voz é um dos veículos de comunicação do logos/verdade. É importante que

pensemos acerca de quais corpos podem ou não ter direito a fala, e mesmo que alguns tenham esse direito, essa não basta, tendo que haver também um lugar de escuta e uma possibilidade de realização desses discursos.

No espetáculo *Cabras* (2022), especialmente em seu final, identificamos ruídos e sons, mas esses não são considerados vozes. Cavarero (2011) marca essa importante divisão, pois apesar de ocuparem a mesmo sistema de órgãos utilizado para produzir os sons, é um mero barulho desprovido de significado, enquanto que a fala passa por uma série de discursos que a torna cognoscível, fazendo com que essa possa ser considerada verdadeira. Aqui propomos-nos a fazer uma análise performativa de como esse instrumento da voz é importante para o corpo cabra, pois ele é sim produtor de voz.

A própria ação de definir que um corpo cabra emite som e não voz é uma performatividade e a seguinte pesquisa busca entender como o corpo cabra também é produtor de voz, e busca a reserva desta, da voz, para os corpos brancos. Pensando no corpo-cabra falamos da miscigenação, daquilo que não é branco (CORTEZ, 2008). Não é interessante para um corpo branco colonizador permitir que um corpo não-branco fale, pois a fala do corpo não-branco questiona as estruturas de poder que mantém a dita “normalidade” dentro de uma lógica colonial.

Dessa forma, o espetáculo traz o conceito de masculinidade, ao representar em diversas passagens que corpos-cabras produzem sons e noutras produzem vozes. Em um recorte específico, a última cena do espetáculo mostra os personagens se transformando em cabras, sendo que nesse momento eles se aproximam ainda mais do animal, embora esses tenham sido inicialmente humanos. Os atores começam a emitir sons que se assemelha ao berro do animal, aos mesmo tempo em que se despem chegando cada vez mais perto do que seria a figura do cabra, do animal.

Assim, a performace é uma mostra de como podemos elucidar um entrave na nossa formação social desses homens-cabras que, por vezes, não é associada a eles o elemento da voz. Mas seus corpos existem, tem suas necessidades, suas subjetividades e deveriam ser respeitados. No entanto, a partir do momento que estes não têm voz não, são privados da possibilidade de denunciar essas situações precárias que vivem.

Propomos então uma análise a partir da filósofa Judith Butler (2018) acerca da questão, buscando fundamentar a existência de uma vida que consiga fazer um movimento de resistência na precariedade. No livro “Corpos em aliança e a política das

ruas”, Butler (2018) anuncia um conceito de vidas precárias, que são aquelas que são meros corpos, sendo sua existência ou não irrelevante para o sistema político.

Dessa forma, a única coisa que tem uma vida precária é um corpo, corpo esse que não é cuidado pelo sistema político. Assim, podemos afirmar que, o corpo precário produz som, também sendo capaz de produzir voz. A performace necessária para que se possa produzir um discurso válido não é acessível para aqueles corpos que não importam, mas espaços como espetáculo mostram o espaço de aparecimento dessas vozes, até então tratadas apenas como sons.

Então, quando pensamos no corpo-cabra, temos um corpo que produz som, como enunciamos antes, a última cena do espetáculo é a transformação ou tensionamento de que aqueles sujeitos são “cabras” e acontece uma performace para se transformar em cabra. O espetáculo mostra a sua importância, pois consegue elucidar isso ao espectador e começamos a perceber que no jeito cabra existe uma voz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o espetáculo denuncia a realidade do corpo-cabra, provoca-nos a pensar em pontos de mudança, como podemos pensar na voz do corpo cabra. E aqui retomamos à questão enunciada por Butler (2018), pois o corpo precário tem voz, mas as estruturas de poder não reconhecem a validade de seus discursos, porque esse corpo isolado não é notado. Mas quando esses corpos estão em aliança e ocupando espaços públicos esses são notados (BUTLER, 2018). Então, os corpos necessitam usar desse espaço para assim ter voz e levar as suas reivindicações a uma via uma política de aparecimento público (BUTLER, 2018).

Como enunciamos antes, quando isolados eles não são ao menos considerados sujeitos, mas quando se unem a um coletivo, a uma luta e se fazem ativos na política esses começam a reivindicar espaços de aparecimento. Nesse processo notamos uma performance da voz, que antes era tratada meramente como um som. Butler (2018), ainda destaca a importância de uma união entre as minorias e defende que suas pautas sejam levadas às ruas, pois esses são espaços públicos.

Dessa forma, o espetáculo Cabras consegue performar essa voz a sujeitos que antes não poderiam falar, reunindo corpos negros, periféricos e se configura como um desses espaços de aparecimento (BUTLER. 2018). Trata-se dessa temática com ligações

íntimas entre os artistas e o público, enfatizando a importância de ocupar os vários espaços para buscar esse reconhecimento. E como coloca Butler (2018) esses corpos devem estar em aliança para que sejam reconhecidos enquanto sujeitos e detentores de voz.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, JUDITH. **Corpos em aliança e a política das ruas**: Notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro. Editora Civilização brasileira, 2018.
- CAVARERO, ADRIANA. **Vozes plurais**: Filosofia da expressão vocal. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2011.
- CORTE, ANA SARA RIBEIRO PARENTE. **Cabras, caboclos, negros e mulatos**: A família escrava no Cariri cearense (1850 - 1884). 2008. Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2008. 245 f.
- GRUPO NINHO DE TEATRO. **Cabras**. Crato: s/e, 2002.
- LEITE, JANAÍNA FONTE. **Autoescrituras performativas**: do diário à cena. São Paulo. Editora Perspectiva, 2017.